

uma maneira contundente à farsa que o capitalismo internacional tocou em torno da guerra espanhola.

Basta, dissemos, basta, então, de palavras; ação, ação e ação. Ação decisiva para que triunfe o movimento proletário da Espanha. Ação decisiva contra o fascismo internacional. Vencido o proletariado espanhol, perde-se toda a esperança de libertação para os trabalhadores do Mundo.

Agitem seus países, movam seus homens para a solidariedade com seus irmãos da Espanha.

Declarem o boicote à Alemanha, Itália, Portugal. Sabotem suas mercadorias, sabotem seus produtos. Como trabalhadoras, sabemos muito bem como o proletariado feminino pode contribuir. Por seus filhos, ajudem as mães da Espanha!

Gritem seu dever aos ferroviários, aos marinheiros, a todos os funcionários de transporte.

O triunfo do proletariado espanhol é sua chance de sobrevivência.

A Federação Nacional Mujeres Libres

*Mujeres Libres*, XI mês da Revolução, 1937

\*\*\*

## REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO

Em nossos dias, abundam os discursos. E, como se todos os "discursadores" obedecessem a uma ordem, as perorações – que, seja dito com dor de nossa parte, são escutadas por multidões boquiabertas e silenciosas – têm tons francamente contra-revolucionários.

Ao natural e já velho "Há que ganhar a guerra", começam a acrescentar-se outras frases que nos fazem tremer: "Há que acabar com os Comitês", e se diz que não é obra revolucionária socializar a terra e a indústria. Em uma palavra, nega-se a Revolução. Sob a palavra de ordem de "obediência cega", que se quer sinônimo de disciplina, pretende-se cortar a iniciativa popular. Abusa-se excessivamente da ameaça internacional para atemorizar o povo, precisamente quando o proletariado mundial começa a dar sinais de vida.

Volta-se a falar dos incontroláveis, sem que se defina claramente o que são os incontroláveis, quando cremos que o assunto Yagüe já havia liquidado essa questão. Nós afirmamos que o "incontrolável" está se tornando uma criação, um mito contra-revolucionário; que o "ganhar a guerra, desentendendo-se de tudo o mais", o "acabar com os Comitês" e o respeito aos Registros da Propriedade são palavras de ordem de amargo sabor contra-revolucionário.

Nossa "perspicácia", sempre alerta, levou um susto, hoje, ao ouvir ou ler em alguma parte, enquanto se fazem paternais recomendações aos Sindicatos para que moderem sua atuação, nada menos do que isto: "As Organizações patronais...". Quer dizer que agora existem Organizações patronais e que, além disso – e isto é o pior – são levadas em conta!

Alardeia-se o temor à ruína econômica, como se esta ruína não fosse a consequência necessária de toda guerra civil ou imperialista. Pretende-se debilitar a ação dos Sindicatos, em vez de robustecê-la, quando são eles precisamente os únicos que podem, com sua atuação revolucionária, levantar essa economia.

Temos a impressão de que vão-se turvando muito rapidamente os horizontes, tão claros e tão luminosos no final de julho. Não basta dizer que, assim, pretendem criar um ambiente favorável à nossa causa no exterior. Achamos que é preciso dizer claramente o que é que se vai ganhar com ganhar a guerra. A guerra tem uma razão e um objetivo, e este objetivo e esta razão são, simplesmente, a Revolução social. Por ela combate o povo e é necessário que esta verdade não possa ser negada nem escamoteada por ninguém entre rumores e palavras ocas.

A verdade é que há que ganhar a guerra para a Revolução; mas... muita atenção! Há que atuar revolucionariamente ao mesmo tempo; posição que, se nós descuidarmos, a contra-revolução ocupa. Por isso, é preciso uma linguagem clara, que desvele integralmente o pensamento, que não possa ser aproveitada nem explorada por ninguém.

E se nos disserem que não são habilidades, que todos esses conceitos são reais e sentidos, devemos colocar-nos em alerta, porque então é a contra-revolução que age.

Lucía Sanchez Saornil – *Horas de Revolución* – editado pelo Sindicato Único do Ramo de Alimentação de Barcelona, 1937, p. 30-1

\*\*\*

## EDITORIAL DA REVISTA MUJERES LIBRES Nº2

Não podemos deixar de sorrir ao escutar com que cândida ternura muitas mulheres pronunciam a palavra democracia. Dir-se-ia, ao ouvi-las, que nesta palavra está contido todo o sentido da vida, que é o limite das coisas, o fim de todas as possibilidades.

Não tentaremos negar que a democracia teve sua hora e que representou seu papel na história do progresso humano; porém, não podemos aceitar tampouco, como muitos pretendem, que seja uma forma definitiva de estru-

privados, outorgados em benefício de um indivíduo e isolados do altruísmo pelos muros do lar. Por isso, toda a propaganda, todas as ações em favor da família, desse fictício calor caseiro mantêm a mulher em sua posição de sempre: afastada da produção e sem direito algum. É uma verdade axiomática que os deveres da trabalhadora e os da dona de casa se excluem mutuamente.

*Revista Mujeres Libres, nº 11*

\*\*\*

## *ELOGIO DO AMOR LIVRE*

### *Prece do Amor Livre*

Diz assim:

I - Tome a pétala fresca e succulenta; tome a polpa doce da fruta madura; tome a senda esbranquiçada sob o sol poente, a colina de ouro, o carvalho, e a fonte na sombra. Tome meus lábios e meus dentes de onde jorram as risadas como fios de água, e os fios de água como risadas.

II - Tenho Casa. Tenho, sim, um teto amável para resguardá-lo da chuva e um leito para que você descanse e me fale de amor. Mas não tenho Casa. Não quero! Não quero a insaciável ventosa que enfraquece o Pensamento, absorve a Vontade, mata o Sonho, rompe a doce linha da Paz e do Amor. Não tenho Casa. Quero amar no extenso "além" que não fecha nenhum muro, nem limita nenhum egoísmo.

III - Meu coração é uma rosa de carne. Em cada folha, há uma ternura e uma ansiedade. Não o mutilé!

Tenho asas para ascender pelas regiões da pesquisa e do trabalho. Não as corte!

Tenho as mãos como palmas abertas para recolher moedas incontáveis de carícias. Não as acorrente!

### *Inclinação ao Bom Amor*

Mulher, ame sobre todas as coisas. Mas antes, aprenda o Bom Amor. No Bom Amor, pesa tanto o alto como o baixo, o Pensamento como a Carne, a Doçura como o Desejo; e é incompleto se lhe falta qualquer uma dessas coisas. Aprenda o Bom Amor.

Para ele, necessita-se de plena liberdade, mas também de capacidade plena, pois, sem esta, a primeira é uma ficção. Só se é livre quando se pode tomar uma decisão dentre aquelas que a ocasião oferece; quando se

pode eleger um caminho depois de ter reconhecido todos, pesando seus valores e aceitando suas conseqüências. Mas isto é obra da Inteligência, do Coração e da Vontade, e é preciso aperfeiçoar os três se queremos alcançar a categoria dos seres livres. Se não for assim, seguiremos afogando a nossa inquietude entre simulacros amorosos.

Se você não se capacita, mulher, será um ser de instintos, será uma carne simples, monótona e limitada, fechada em si mesma e por si mesma abolida. Se não se capacita, você poderá vibrar com o ritmo irregular das estações e dos dias nublados seguidos de sol forte; terá a pulsação perene dos animais e das plantas; dará suas generosas florações de fêmea; porém, não conseguirá o Bom Amor.

Cultive a inteligência para enroscá-la como uma meiga roseira no duro tronco dos imperativos do Instinto; cultive a Sensibilidade e a Delicadeza para correr como um manso riacho, recolhendo todas as dores e todas as alegrias sem descanso, sem o menor abatimento da sua generosidade; cultive a Vontade para perfilar sua vida, para modular sua canção, para esculpir suas obras por si mesma.

E, depois, estenda o Sorriso como uma suave serpentina multicolorida; reparta o Abraço como um denso cacho de frutas douradas; e solte o Beijo, como uma torrente de música feliz.

Lembre que o delicado Eros, para chegar ao Bom Amor, teve de desatar sua venda.

Mulher, ame sobre todas as coisas.

### *Matrimônio e amor*

Quando o homem perdeu a fresca graça de seus amores sem travas, ingênuos e primitivos; quando se esgotou a inocente naturalidade de suas paixões e se afogou em regras morais a sincera, a cordial simplicidade do gozo em plena marcha sobre a Natureza; quando o hálito perfumado e voluptuoso das "Canções de Bilitis" foi totalmente esquecido... desceu o amor à categoria de pecado. No entanto, como a Vida, sem ele, estancava-se com uma angústia inexplicável, os homens, com um insano desejo de vingança, levantaram os punhos contra Eros e cuspiram em seu rosto.

Condenaram-no ferozmente, sem pensar que se faziam desgraçados. Por uma paixão, toda uma vida de tortura. Pela atração de um dia, incontáveis anos de repugnância. Eros fora despojado de suas asas.

Por um doce e espontâneo olhar, obriga-se a estar olhando sempre para o mesmo objeto; por um generoso e cândido abraço, força-se a apertar sempre a mesma pessoa. A Alma humana, imóvel; e a Vontade, solidificada em gelo!

Do gesto amoroso se fez um minucioso código, morto e frio; do mais grato e ardente presente, uma compra e venda em parcelas, inclusive com sua regulamentação; ou à vista, com seu contrato em regra, e a um preço muito mais elevado, porque além do dinheiro, que conta para muito pouco, entram em compromisso o Coração e a Liberdade, que são tudo para o Amor.

Quando, roubada a nobreza de toda manifestação amorosa, já feita dever, os homens se envergonharam, quiçá, de tudo o que haviam manchado, tentaram somente justificar sua profanação com outra maior, tomada como desculpa: o filho. É disto, tão claro e tão simples, tão divinamente brutal e tão profundamente humano, fizeram um novo elo e soldaram a corrente para sempre, entre os covardes. Fizeram tampo para sua hipócrita timidez, do filho, que é apenas um ponto onde convergem dois cuidados e dois deveres, mas nunca uma justificação moral do que somente o Bom Amor, sobre nós, justifica.

E cegos os homens e as mulheres por si mesmos, seguem caindo nas armadilhas; e quando lhes falta nobreza para encontrar saída, arrancam o Coração e o colocam para esteio do Matrimônio.

#### *Um fruto esplêndido: o adultério*

Precisamente porque a Vida é Vida, não é quietude. Somos todos os seres de uma dupla corrente, que não cessa um momento, de entradas e saídas. Sob esta permanência aparente das formas, a matéria e a energia — duas modalidades das mesmas coisas — estão em perpétuo fluir, em um ir e vir sem descanso. E assim a Alma. Por isso, ao sentir-se ferida no mais fundo de si, ao sentir degradado o mais nobre de sua natureza, rangeu de dor e espanto. Ainda tentou conter-se na fria unidade de sua condenação; mas a Vida, em seu fluir eterno, impõe-se com razão. Assim, da degradante aceitação do matrimônio — contrato e regulamentação do inalienável — surgiu esse fruto vermelho e redondo, farto e eloqüente, estupendo e prometedor: o adultério. É o protesto natural e humano contra a trava pesada ao alado e imponderável; e reivindica, como uma gargalhada fresca, entre zombeteira e honrada, o pleno direito à liberdade de amar o transbordamento sobre todas as correntezas artificiais, da evolução da personalidade. Aqui está, como uma consequência do esquecimento do verdadeiro ser de Eros e do Homem, este duplo crime da mísera vida diária: a convivência fria ou a carícia instintiva e isolada sobre a Carne muda; e o abandono culpado e temeroso do Sentimento, valor universal. Em suma, amor que não é Amor.

#### *A mulher em defesa*

Quando perdeu sua louçania graciosa de lírio ereto, a mulher, estritamente monogâmica por imposição, junto ao homem, essencialmente polígamo por natureza e sinceridade cuidadosamente mantidas, percebeu um fato: a Propriedade. A Casa se fechava como uma boca ansiosa e havia nela muito que fazer. A realidade econômica informou a mulher, completamente ignorante já do ingênuo prazer da vida primitiva, de que a Casa a excluía de todas as tarefas de produção, de todos os trabalhos públicos que dão direito à subsistência. Esta vinha a ela por meio do homem a quem rendia seus serviços privados, incluindo os sexuais; e defendeu-se em sua nova posição, preocupando-se em consolidar os laços que a uniam ao homem.

Este homem é meu e eu sou sua, disse. A Propriedade encolheu seu pontudo nariz de agiota, piscou os repugnantes olhos e todos os regimes de opressão aumentaram a cifra de suas vítimas.

Foi a venda da Consciência, da Liberdade, da Espontaneidade, pela irresponsabilidade e a negação a produzir.

#### *A caminho do Bom Amor*

Mulher, se quer recobrar a dignidade perdida; se quer encontrar um sol novo neste sol tão antigo; se quer sentir o relacionamento de sua alma e a graça singular de encontrar-se a si mesma, ascender pela escada amorosa à mercê de sua superação, multiplique sua capacidade de amar, mulher, mas...

Pense que o sentimento também não lhe dá direito sobre ninguém, nem a faz objeto de propriedade.

Pense que, por maiores que sejam a paixão do prazer e o prazer da paixão, não devem arrastá-la em sua toirente; e que, se em uma hora gloriosa, extraviar seus sentidos, jamais deve perder sua própria vontade.

Pense que o homem amado tem sua alma, seus ideais, seus interesses, sua personalidade, enfim, que somente em alguns pontos coincidirá com a sua; mas que a mais perfeita coincidência não supõe absorção de um pelo outro.

Pense que é imoral permanecer em vida comum e íntima, quando não existe uma florescente Ilusão, uma palpitante Ansiedade, um doce e sereno Bom Amor, ainda que tenham sido feitas mil promessas e mil propósitos e tenham criado mil ligações.

Pense que o filho não é tampouco, nem deve ser, razão de comunidade amorosa quando já não há amor; que se pode amá-lo, e cuidá-lo, instruí-lo, protegê-lo, educá-lo, sem se servir dele como pretexto para a mais repugnante das mentiras.



tem de sacrificar algo por amor, não o fazem somente por um homem, mas pelos de todo o Mundo. (...)

Extraído do folheto de Amparo Poch y Gascón - *La Vida Sexual de la Mujer - Puberdade, Noivado e Matrimônio*, Cuadernos de Cultura, LVI, Valencia, 193. p. 23-33, 40-41.

\*\*\*

### EDITORIAL - MULHERES!

Já não se trata de uma evolução gradual, nem de capacitação e de consciência. Nem tampouco de um interesse pelos problemas sociais. Menos ainda de um pugilato entre capacidades masculinas e femininas. Dissemos, muitas vezes, que a independência da mulher é inseparável de sua independência econômica. Dissemos que "o lar" era, na maioria dos casos, um símbolo da escravidão. Suplicamos a substituição de maquiagens e coquetarias por algo mais alegre, mais sólido e duradouro. Insistimos e insistiremos em uma nova orientação para os filhos. Afirmamos que, desde que começou a luta, a mulher tem realizado uma atividade própria de seu sexo, que é valente e capaz.

Mas, já não se trata de nada disso. De nada disso, nem separado, nem em conjunto. Trata-se de que todas as mulheres saiam de sua independência, de seu "lar", de sua própria vida. De que todas as mulheres sintam o instante responsável e criador. De que todas as mulheres formem uma unidade feminina de triunfo e progresso.

Os momentos que vamos viver são definitivos. Assinalarão qual das divergências deverá ser prolongada. Com sentimentos, não passarão; com a razão, passaremos. Na História, na condição humana, no motivo vital, que não pode ser negativo, passaremos - passemos ou não na ação. E vamos partir desse motivo vital positivo, desse constante futuro. Não se trata de aumento de salário, nem de direitos femininos mais ou menos reconhecidos, mas da vida futura. De nossa intervenção e orientação, como mulheres, na vida futura. Desde agora, cada mulher deve transformar-se em um ser definido e definidor, deve recusar as titubeações, as ignorâncias, as predileções. O fato é concreto: fascismo ou Revolução. E Revolução não significa de modo algum um "estar", mas sim um "ir fazendo" que transcende nossos próprios esforços, nossas ilusões e alcança nossos filhos. Nossa vibração de hoje, nosso acerto desde a partida formarão o núcleo do desenvolvimento futuro, da sólida e alegre existência de nossos filhos.

Não vacilem, mulheres. Absorvam a razão e o sentimento. Dêem sua colaboração à luta atual, com toda a energia e com a toda urgência.

Não se trata já das clássicas palavras de ordem. Trata-se de que todas as mulheres sintam o instante responsável e criador.

Revista *Mujeres Libres* nº7, VIII mês da Revolução

\*\*\*

### A DUPLA LUTA DA MULHER

O homem revolucionário que hoje luta por sua liberdade, luta apenas contra o mundo exterior. Contra um mundo que se opõe aos seus anseios de liberdade, igualdade e justiça social. A mulher revolucionária, em troca, deve lutar em dois terrenos: primeiro, por sua liberdade exterior, em cuja luta tem o homem como aliado pelos mesmos ideais, por idêntica causa; mas, além disso, a mulher deve lutar por sua própria liberdade interior, da qual o homem já desfruta há séculos. E, nesta luta, a mulher está sozinha.

Nos inícios do movimento operário, dizia-se muitas vezes: "O inimigo está em nosso próprio campo". Havia, pois, que vencer este inimigo, antes de pensar em outras conquistas. Do mesmo modo, a mulher que quiser emancipar-se na igualdade de direitos, há de empreender primeiro a luta em seu próprio campo. E, nessa luta, além de encontrar-se sozinha, além de contar unicamente consigo mesma, enfrenta o obstáculo do inimigo que reside em seu próprio campo; um inimigo que ela nunca reconheceu conscientemente como tal, e ao qual está ligada intimamente e por instinto, desde a sua primeira infância.

Primeiro, a família. Não é fácil desfazer os fortes vínculos que, por educação e por tradição, existem entre a mulher e sua família. É difícil causar sofrimento aos pais queridos, que não aceitam transigir com os anseios libertários da filha, que não querem ajudá-la em sua luta, que negam a adolescência e esclarecimento da questão sexual, que querem induzi-la à espera passiva e virginal do homem que lhe proponha casamento e que lhe assegure uma existência em que a mulher, cheia de ignorância e preconceitos, não encontra a felicidade, mas apenas uma vida desolada e triste. Tudo isto levava quase sempre a burlar em segredo as normas maternas, à insinceridade, ao engano covarde. Nessas circunstâncias, a liberdade interior era impossível. E, em semelhante ambiente, fundava-se uma nova família, que por falta de sinceridade - e inclusive no caso de um bom entendimento sexual entre os esposos -, colocava a mulher em uma nova situação incômoda, determinada pela repressão da sua personalidade.

Assim, o subconsciente da mulher terá de ver, à força, em todos esses seres queridos — pais, maridos, filhos — os inimigos de sua liberdade. E a mulher tem de combater esses inimigos, modificando sua atitude frente a eles, tem de lutar contra os prejuízos e as tradições, vencê-los e, já interiormente livre e em condições distintas, tem de unir-se realmente a seus companheiros do outro sexo, para lutar juntos contra o inimigo exterior, contra a servidão e a opressão.

É difícil para a mulher determinar exatamente seus laços interiores. Uma vez conhecidos, há de ser inexorável consigo mesma; há de renunciar, em primeiro termo, ao cômodo costume. Sozinha, há de chegar a esse convencimento e sozinha, terá de lutar; ninguém, senão o amor à liberdade pode ajudá-la. O homem — nem mesmo o companheiro anarquista — não pode ajudá-la, muito pelo contrário, porque também nele há tanta vaidade masculina escondida, que, sem que se dê conta e com aparência de amor e de amizade mal entendidos, trabalha muitas vezes contra a liberação da mulher.

Diante de tantos obstáculos, são explicáveis tanto a decepção, quanto a tendência a abandonar a luta. Mas sejam fortes e agüentem, mulheres da Revolução. Quando conseguirem pertencer a si mesmas; quando suas decisões na vida cotidiana obedecerem somente à sua própria convicção e não a costumes atávicos; quando sua vida afetiva estiver livre de toda consideração sentimental e tradicional; quando puderem oferecer seu amor, sua amizade ou sua simpatia como expressões genuínas de si mesmas, então será fácil vencer os obstáculos exteriores. Automaticamente passarão a ser pessoas com livre arbítrio e igualdade de direitos sociais, mulheres livres em uma sociedade livre, que vão construir junto ao homem, como suas verdadeiras companheiras.

A Revolução há de começar por baixo. E por dentro. Deixem que entre o ar na vida familiar, velha e estreita. Eduquem os filhos em liberdade e alegria. A vida será mil vezes mais harmoniosa quando a mulher for realmente uma "mulher livre".

Ilse — Revista *Mujeres Libres* nº7, VIII mês da Revolução

### NOSSO TRABALHO NA CASA DE MATERNIDADE DE BARCELONA

Estamos construindo as primeiras bases de uma nova sociedade, que substituirá para sempre os velhos e limitados moldes. Para tanto, é preciso que a influência renovadora chegue a todos os recantos sociais e transforme, mediante uma educação psicológica, os velhos conceitos metafísicos em outros mais racionais e humanos.

Partindo deste princípio, organizamos na casa de Maternidade um aula de MATERNIDADE CONSCIENTE. Desejamos que ela seja o laboratório onde, empregando o método adequado a cada mulher, se analisem, para destruí-los, os preconceitos da triste sociedade do passado, para dar passagem a um equilíbrio sentimental, que deve presidir a atitude das mães inteligentes.

O crime desumano que supõe o filho abandonado por sua mãe, não somente pela mortalidade infantil que esse abandono determina, mas pela deficiente vitalidade fisiológica em que ficam os filhos, sem carinho e sem leite materno levou-nos à idéia de criar esta escola.

Como primeira providência, tomamos a decisão de não deixar sair nenhuma mulher, sem que antes amamente seu pequeno. Mas essa ordem rígida de lei imposta não podia nos satisfazer, nem convencer as mulheres assistidas nesta instituição da utilidade do nosso acordo. Eis porque criamos nossa escola, para que a mãe se coloque em condição de colaborar com nossa obra, não só amamentando seu filho, mas intervindo eficazmente no processo educativo do mesmo.

Nosso principal objetivo é trazer muito otimismo e saudável alegria à futura mãe, a fim de dar-lhe estímulo e o interesse necessário para o desenvolvimento normal do novo ser, tanto no período uterino, como no de amamentação. Para tanto, impõe-se uma minuciosa educação de puericultura e um conceito eugênico que controle conscientemente todo o processo de desejos e relações no resto de suas vidas. Para esse fim, propomos dotar as educandas desse tipo de conhecimentos, ainda que elementares, sobre o funcionamento fisiológico de nosso organismo, em especial, no aspecto eugênico e sexológico, e, mediante leituras adequadas, ajudar a desenvolver sua capacidade de amor maternal, elevar sua moral e fazer nascer nelas um sentimento de solidariedade.

Isto é, em síntese, o que propõe nossa aula de MATERNIDADE CONSCIENTE, à qual dedicamos, com carinho, todo nosso esforço.

Aurea Cuadrado — Revista *Mujeres Libres* nº7, VIII mês da Revolução

### MATERNIDADE E MATERNALIDADE

Nem todas as mulheres que deram à luz e que suportam as vicissitudes da maternidade podem, apenas por isto, ser chamadas de mães. A maternidade em si é um estado natural, predestinado na mulher: um estado biológico ao qual a mulher chega em muitos casos sem, ou mesmo contra, sua vontade consciente. Cumpre sempre a lei da natureza comum às fêmeas